



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE- CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA-DEF
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALEXANDRE DE SOUZA CRUZ

**TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA ÊNFASE AOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A
INCLUSÃO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

ALEXANDRE DE SOUZA CRUZ

**TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA ÊNFASE AOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A
INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de monografia apresentado ao Curso de especialização em Educação Física escolar da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em Educação Física escolar.

Orientador: Prof. Drº Alvaro Luis Pessoa de Farias.

CAMPINA GRANDE-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

CDD: Cruz, Alexandre de Souza.
Transições do espectro autista (TEA) e a educação física escolar (manuscrito) : uma análise aos desafios e estratégias para a inclusão / Alexandre de Souza Cruz. - 2018.
52 p.
Digitais.
Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Estadual de Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação - Prof. Dr. Álvaro Pessoa de Farias - Coordenador do Curso de Especialização em Educação Física Escolar".
1. Inclusão escolar. 2. Autismo. 3. Educação especial. I.

Título

21. ed. CDD 371.8

ALEXANDRE DE SOUZA CRUZ

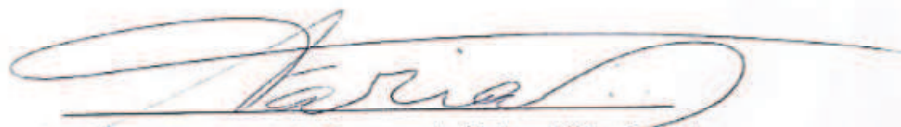
TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA ÊNFASE AOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A
INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de monografia apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física escolar da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em Educação Física escolar.


Orientador: Prof. Drº Alvaro Luis Pessoa de Farias.

Aprovada em: 17/09/2018.

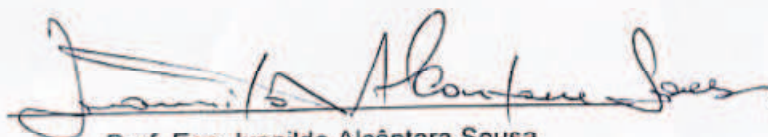
BANCA EXAMINADORA



Prof. Drº Alvaro Luis Pessoa de Farias. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp Anny Sionara Moura Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Ivaniildo Alcântara Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ÊNFASE AOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO.

CRUZ, A. S.

*Especialização em Educação Física Escolar
Universidade estadual da Paraíba-UEPB

RESUMO

Ao discutirmos sobre a inclusão dos alunos com transtorno de espectro autista- TEA no ambiente educacional regular devemos elencar as diversas possibilidades de promoção de uma melhor qualidade de vida para esses indivíduos; mas, para que isso ocorra, torna-se necessário a criação de condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de potencialidades que vá além do bom acolhimento no ambiente educativo. Nesse processo a Educação Física escolar torna-se uma ferramenta de interação, comunicação para inclusão desses alunos. Desta forma o estudo objetivou analisar os principais desafios e estratégias para a inclusão de alunos com transtornos do espectro autista (TEA) nas aulas de educação física da Rede Municipal Ensino de Campina Grande-PB. Caracterizando se como do tipo descritivo, utilizado de abordagem quali-quantitativa. A amostra foi composta por 30 professores educação física da rede municipal de Campina Grande-PB, de ambos os sexos. Foram utilizado para obtenção de dados um questionário semiestruturado impresso e on-line enviado aos e-mails dos participantes. Ao analisar e discutir os resultados observamos que a precarização das condições dos espaços destinados às aulas de educação física e a falta de socialização dos autistas; o número excessivo de aluno nas aulas e a falta de capacitação e conhecimentos docente sobre o TEA são os principais desafios enfrentados para a efetivação do processo de inclusão desses alunos. Dentre as estratégias utilizadas destacam-se a utilização de jogos e atividades cooperativas; brincadeiras de roda e atividades com materiais diversificados e colorido nas aulas; como ferramentas pedagógicas que auxiliam a efetivação do processo de inclusão do aluno com TEA nas aulas de educação física escolar. Expressamos assim a necessidade de empenho conjunto de escolas e poderes publicos para proporem ferramentas de formação que auxiliem o professor na efetivação do processo de inclusão de alunos com Transtorno de Espectro Autista nas aulas de educação física.

Palavras chave: Educação Física. Inclusão Escolar. TEA.

AUTISTIC SPECTRUM DISORDERS (ASD) AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A CHALLENGE TO CHALLENGES AND STRATEGIES FOR INCLUSION.

CRUZ, A. S.

* Specialization in School Physical Education
State University of Paraíba-UEPB

ABSTRACT

When discussing the inclusion of students with autism spectrum disorder-ASD in the regular educational environment, we must list the various possibilities for promoting a better quality of life for these individuals; but for this to happen, it is necessary to create effective conditions for learning and development of potentialities that go beyond the good reception in the educational environment. In this process the School Physical Education becomes a tool of interaction, communication for inclusion of these students. In this way the study aimed to analyze the main challenges and strategies for the inclusion of students with autism spectrum disorders (ASD) in the physical education classes of the Campina Grande-PB Municipal Teaching Network. Characterizing it as of the descriptive type, used of quali-quantitative approach. The sample consisted of 30 physical education teachers from the municipal network of Campina Grande-PB, of both sexes. A semi-structured, online questionnaire sent to participants' e-mails was used to obtain data. When analyzing and discussing the results we observed that the precariousness of the conditions of the spaces destined to physical education classes and the lack of socialization of the autistic ones; the excessive number of pupils in class and the lack of teacher training and knowledge about the ASD are the main challenges faced for the effective inclusion process of these students. Among the strategies used are the use of games and cooperative activities; wheel games and activities with diversified and colorful materials in class; as pedagogical tools that help the effectiveness of the process of inclusion of the student with ASD in school physical education classes. Thus, we express the need for a joint effort of schools and public authorities to propose training tools to assist the teacher in the implementation of the process of inclusion of students with Autism Spectrum Disorder in physical education classes.

Key words: Physical Education. School inclusion. ASD.

LISTA DE TABELAS

Tabela- 1	Perfil dos Professores de Educação Física-----	17
-----------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEC Ministério da educação e cultura

TEA Transtorno de Espectro Autista

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO -----	08
2- REVISÃO LITERÁRIA -----	09
2.1- INCLUSÃO-----	09
2.2- AUTISMO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR-----	12
3- METODOLOGIA -----	16
4- ANÁLISE E DISCUSSÕES DE RESULTADOS-----	17
5- CONCLUSÃO-----	23
REFERÊNCIAS -----	24
APÊNDICE-----	29
ANEXO-----	31

1. INTRODUÇÃO

Ao discutirmos sobre a inclusão dos alunos com necessidade especiais no ambiente da escolar regular. Devemos elencar as diversas possibilidades de promoção de uma melhor qualidade de vida para esses indivíduos; para que isso ocorra, torna-se necessário a criação de condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de potencialidades que vá além do bom acolhimento no ambiente educativo.

Nesse ambiente as diversas disciplinas exercem grandes contribuições na socialização, na participação e na construção coletiva junto do aluno com necessidades especiais. Dentre essas a Educação Física é tida como uma ferramenta de socialização e integração entre as habilidades motoras e psíquicas. Sendo assim um instrumento primordial na construção de oportunidades para esses alunos. Através suas atividades esta disciplina apresenta possibilidades de vencer seus limites, facilitando a sua participação sempre que possível nas aulas e promovendo a interação entre todos os alunos.

Segundo a LDB (1996) em seu artigo 4º inciso III- atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. Essas inserções na educação regular possibilitam discussões quanto ao comportamento do trabalho docente dirigidos ao processo inclusivo de alunos com necessidades especiais na escola. Entre as necessidades especiais enfatizadas de forma desafiadoras para a pratica docente encontra-se o transtorno de espectro autista.

Que para Khourx et al (2014) o transtorno do espectro autisma possui dificuldade, principalmente, em três áreas: interação social, comunicação e comportamento. Segundo Luiz e Moraes (2016) o processo inclusivo do autista tem na educação física um grande desafio, pois, devido ao comprometimento em áreas afetadas pelo transtorno, tais como: social, comportamental e comunicativa, ocorre por parte do aluno um isolamento, sendo necessário um

planejamento especializado para tenha de alguma forma o desenvolvimento de fatores sociais, motores e cognitivos do mesmo, possibilitando sua participação escolar.

Para Lopes (2014) o autismo é uma condição crônica, que se caracteriza pela presença de prejuízos importantes em várias áreas de atuação do indivíduo e, por estas razões, o tratamento deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar envolvendo profissionais de diversas formações e áreas de atuação. Dentre esses o professor de educação física torna-se um grande colaborador na busca de minimizar prejuízos presentes nas crianças com TEA.

Tendo como referencias as atribuições elencadas acima esse estudo busca analisar os principais desafios e estratégias para a inclusão de alunos com transtornos do espectro autista (TEA) nas aulas de educação física da rede municipal ensino de Campina Grande-PB, norteados pelas praticas vivenciadas pelos docentes.

2. REVISÃO LITERÁRIA

2.1. INCLUSÃO

Partindo da análise do retrato histórico dos portadores de necessidades especiais, destaca-se o século XIX, como inicio de uma maior análise pelas ciências médicas dos problemas enfrentados a essas pessoas. JOVER (1999) elenca que o deficiente era tratado como doentes excluídos da família e da sociedade, sendo muitas vezes acolhidos em asilos de caráter religioso ou filantrópico, passando ali sua vida toda.

A vinculação da inclusão ao ambiente educacional encontra-se em Gaio e Porto (1999) que dizem refletir sobre inclusão é criar espaços educacionais abertos para todos os educando, onde há a valorização do convívio dos corpos diferentes, acreditando não somente no aprendizado dos conteúdos, mas na importância dos valores sociais e humanos. Para Soares (2006) o processo da

inclusão é possível, basta somente acreditarmos na capacidade, no potencial a ser desenvolvido e respeitar a individualidade e a diversidade das crianças com necessidades educativas especiais, estabelecendo um vínculo afetivo entre os integrantes do processo.

Segundo Cavalcante (2005, p. 43) ao expressar sobre o contexto da Educação diz: Educação especial é entendida como a modalidade de ensino que tem como objetivo quebrar as barreiras que impedem a criança de exercer a sua cidadania. O atendimento educacional especializado é apenas um complemento da escolarização, não substituto.

Ao analisar a LDB (nº. 9.394) a Educação Especial como uma modalidade de educação escolar voltada para a formação do indivíduo, com vistas ao exercício da cidadania, que deve se realizar transversalmente, permeando todos os níveis e demais modalidades de ensino nas instituições escolares. (Ministério da Educação e do Desporto/ MEC, 2007). Essa lei torna-se um marco no trato da educação inclusiva no Brasil, sendo o fator referencial para programações e formações de planos de assistência educacional de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar regular.

Para gerenciamento dos portadores de necessidades especiais no ambiente escolar regular Baumgartner e Horvat (1998) apontam vários problemas concorrentes a este tipo de avaliação. Sendo a caracterização desta população o primeiro desafio evidenciado, as diferentes classificações, em diferentes níveis de habilidade funcionam e cognitivas, possibilita melhores condições para procedimento de planejamento do cotidiano escolar.

Desta forma Oliveira (2004) ensina que, a educação especial destina-se aos que apresentam necessidades educacionais especiais, ou seja, todas as pessoas que precisam de métodos, recursos e procedimentos especiais durante o seu processo de ensino-aprendizagem.

Indivíduos portadores de: deficiência sensorial (auditiva ou visual), deficiência motora, deficiência cognitiva, altas habilidades, transtornos psicomotores, doenças crônicas, transtornos de personalidade, autismo,

psicoses, síndromes, deficiência múltipla e inadaptação são caracterizados como portadores de necessidades especiais.

As constantes discussões referentes às concepções em torno da Educação Física Escolar têm permeado o meio docente e nos convidado a refletir sobre o ensino dessa respectiva disciplina para o processo inclusivo. Contudo, nos chama a atenção à relação entre as concepções, nem sempre consensuais, em torno dessa ciência, que refletem diretamente na formação e na prática pedagógica dos alunos e professores escolas públicas regulares no município de Campina Grande/ Paraíba.

Apesar de haver uma polêmica em torno do termo “Educação Física Adaptada”, o entendimento construído busca firmar a ação educativa como princípio inclusivo para a participação social. Sendo as praticas diferenciadas baseadas em concepções docentes frágeis e fragmentadas que refletem, frequentemente, em práticas educacionais que não atendem aos princípios mínimos de inclusão de todos os alunos nos espaços educacionais pesquisados.

Por sua vez, a Educação Física com suas atividades se entrelaça a educação inclusiva na medida em que também trata de aspectos afetivos e políticos. Nesse sentido, Mattos (2007) reflete que aos aspectos afetivos, destacam-se o ‘trocar’ e o ‘valorizar’ que implicam as relações cotidianas com os outros. Por essas experiências, as práticas sociais surgem na luta contra a exclusão e no desenvolvimento da autonomia do aluno.

Os aspectos políticos levam a ‘entender’ e ‘respeitar’ e os culturais a transpor barreiras e a formular novos pensamentos e juízos de valor acerca do aluno que apresenta necessidades especiais. Esses aspectos encontram-se nas aulas de Educação Física com visão inclusiva, pela interação corpo-mente entre as pessoas.

Educação Física escolar possibilita a inclusão de alunos, pois permite adquirir conhecimentos sobre o corpo, hábitos de higiene e de autocuidado, além de favorecer a construção de relações interpessoais que levam ao respeito mútuo, à solidariedade e à prática inclusiva.

2.2. AUTISMO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com o trato histórico o termo autismo foi difundido partindo do ano de 1911 pelo o psiquiatra Plouller que introduziu este termo na literatura psiquiátrica (GAUDERER, 1993). O primeiro estudioso sobre o tema Léo Kanner, em 1943 elencou o autismo como sendo uma desordem no desenvolvimento cerebral que ocorre antes, durante ou após o nascimento. Essa deficiência esta ligada a introspecção e introversão do individuo contribuindo para a construção de um mundo de isolamento do mesmo.

Para Steele et al (2001), o autismo em recém nascidos acontece entre 5 a 10 recém nascidos a cada 10 mil crianças ocorrendo predominantemente entre meninos, sendo a média de 4 meninos para 1 menina. Estudos apontam que esse transtorno ocorre devido a diversos fatores como genéticos, fisiopatológicos, cognitivos e comportamentais sendo ele dividido em níveis.

O autismo (autista) possui dificuldade, principalmente, em três áreas: interação social, comunicação e comportamento (Khoury et al, 2014). Dentre as características na área da interação social, a criança executa atividades solitárias ignora a presença do outro; na área da comunicação, existe um atraso nas linguagens verbais e não verbais havendo em alguns casos a ausência delas; na área comportamental, faz uso de movimentos repetitivos com objetos e corpo possuindo resistência a mudanças de rotinas.

O conceito de espectro autista foi introduzido na década de 80, pela autora inglesa Lorna Wing, abrangendo os quadros do autismo, da síndrome de Asperger e os transtornos globais do desenvolvimento sem outra especificação que compõem o capítulo dos transtornos globais do desenvolvimento do manual de classificação de doenças mentais da academia americana de psiquiatria (LOPES, 2014).

Khoury et al. (2014), enfatiza que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), pode ser evidenciado em três tipos de transtorno: transtorno autista, transtorno de Asperger com a adesão de comportamentos repetitivos e atrasos de linguagem; o transtorno global ou invasivo do desenvolvimento sem outra

especificação o indivíduo exerce o comportamento estereotipados não rotineiros sendo considerado um quadro severo.

O transtorno do espectro autista é um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades. (DSM- V, 2013).

Essas classificações colocam o autista como indivíduo que necessita de atendimentos especializados, que contribua a sua socialização, sendo o ambiente escolar um local de suma importância pois, possibilita o convívio em ambientes diferenciados com atividades diversificadas que estimule o desenvolvimento de suas habilidades psicomotoras e sociais. Para que essas atividades sejam eficazes é necessário conhecer cada aluno de individualmente, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades de comunicação.

O desenvolvimento motor na infância caracteriza-se pela aquisição de um amplo espectro de habilidades motoras, que possibilitam à criança um amplo domínio do seu corpo (GALLAHUE; OZMUN, 2005). A aquisição de habilidades motoras é, por natureza, um processo dinâmico e complexo, que envolve aspectos como variabilidade, organização hierárquica e estabilização de movimentos (MANOEL, 1995).

Ao pensar nas limitações e observações o autista dentro de seu estado de desenvolvimento; no qual permite ao indivíduo uma processo gradual de possibilidade de empreender atividades novas, as quais irão conduzi-lo a níveis cada vez mais complexos de conhecimentos, sem colocar a deficiência como empecilho para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e motoras.

A educação física que para Oliveira (2015), compreende como disciplina integradora que tem como objetivo atuar junto aos alunos com Transtorno de

Espectro Autista - TEA, na realização de atividades coletivas ou individuais potencializando o processo de socialização e a interação social, com finalidade de proporcionar desenvolvimento da consciência corporal, permitindo-lhes a construção de si próprios como seres inseridos no mundo.

Tomé, (2007) expressa que a mesma favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita benefícios a qualidade de vida desses sujeitos. A visão professor de educação física a persistência como grande aliada a reestruturação das ações pedagógicas que atendam as necessidades do educando.

Para Tome (2007) o papel do docente no ensino do aluno autista deve ser pautado: na persistência como grande aliada, no processo de elaboração de um planejamento estruturado a fim de atender as necessidades desse educando, construção de uma relação positiva, no desenvolvimento da independência e da manutenção de uma rotina de atividade, já que, exercícios que envolvam regras, gincanas e jogos imaginários, causam certa frustração a esses alunos e conseqüentemente o desinteresse pelas aulas de educação física.

Como da atuação docente a educação física escolar encontra diversas praticas corporais que contribuem para o processo de inclusão e socialização de pessoas com deficiências físicas e cognitivas, sendo observados seus resultados em estudos e publicação científica.

As expressões de praticas corporais sistematizadas vêm para contribuindo para o desenvolvimento de crianças no entender seu corpo nessa autorregulação, conhecendo seus limites e possibilidades. Essa pratica sistematizada tem como produto em Dietz, (2007) apud Pheiffer et al., (2011), na aquisição de habilidades e na participação da rotina diária, apresentando uma melhoria na qualidade de vida para o individuo como para todos que com elas convivem, objetivando progressivamente o processo de independência.

Machado (2015) em seu estudo realizado com jovem autista identificou que sessões de dança contribuíram para a melhora da qualidade de vida e redução da gravidade do espectro autista, colocando essa pratica corporal

como uma importante ferramenta de favorecimento nas melhorias substanciais nas desordens associadas ao TEA.

Além das danças outras praticas corporais podem contribuir imensamente para o desenvolvimento do individuo com TEA; dentre elas encontramos as praticas esportivas.

O esporte é uma ferramenta extremamente eficaz nesta busca, pois garante a autoconfiança, desperta a autonomia, ajuda a gastar energia reprimida, melhora a coordenação e estimula a comunicação, fatores estes determinantes para todo ser humano em sua fase de desenvolvimento, principalmente para quem sofre de transtornos neurológicos e psicológicos como os autistas em todos os níveis.(BATISTA, 2014, p.87).

O ensino de habilidades esportivas e recreativas em ambiente escolares para Tomé (2007) favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita benefícios a qualidade de vida desses sujeitos. Onde implica ao docente o conhecer das atividades cotidianas dos alunos facilita a elaboração de atividades dentro da escola, possibilitando ao professor a exploração da capacidade motora e estimular o lado cognitivo.

Ao desenvolver atividades inclusivas com alunos com TEA o docente deve desenvolver as atividades que autista devam obedecer à idade cronológica e ser montada de acordo com a cultura social, com atividades variadas que englobem circuito, saltos, arremessos, agarrar, rolar, quicar, dentro outros. Desta forma a educação física escolar contribui para os autistas nos possibilitando avanços significativos no que diz respeito melhoras estado emocional, na atenção, na diminuição da agressividade, na diminuição das estereotipias entre outros.

3. METODOLOGIA

Este estudo tem objetivo geral analisar os principais desafios e estratégias para a inclusão de alunos com transtornos do espectro autista (TEA) nas aulas de educação física da rede municipal ensino de Campina Grande-PB. Ao tratar de objetivos específicos o mesmo buscou identificar o perfil do professor de educação física da rede municipal de ensino. Descrever os principais desafios na aplicabilidade das aulas de educação física em turmas que tenham alunos com transtornos do espectro autista (TEA). Elencar estratégias que venham a contribuir com o processo de inclusão de alunos com transtornos do espectro autista (TEA) nas aulas de educação física escolar.

Sendo caracterizado como do tipo descritivo, utilizado da abordagem quali-quantitativa. Para Gil (2008), este tipo de pesquisa procura descrever as características do fenômeno pesquisado ou de determinada população pesquisada estabelece dessa forma, relações entre variáveis.

Segundo Castro (2006) a abordagem quali-quantitativa trabalha em amplo complemento, enquanto a pesquisa quantitativa pergunta “o que acontece” e “como acontece”, a qualitativa pergunta “por que acontece”, de modo que a pesquisa quali-quantitativa dá sentido e confiança para uma maior exploração das questões pesquisadas.

A amostra foi composta por 30 professores educação física da rede municipal de Campina Grande-PB, de ambos os sexos. Foram incluídos professores de educação física da rede municipal de Campina Grande-PB, que lecionem na educação fundamental. Os demais professores de educação física e de outra disciplina que atuem em níveis diferente ao referido na pesquisa e também os que atuam em outra rede de ensino foram excluídos da pesquisa.

Para a obtenção dos dados foram utilizados um questionário semiestruturado e opção de resposta em um questionário on-line. Inicialmente foram identificados o grupo da pesquisa, em seguida aplicado o termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE e logo após á aplicação do

questionário. Os mesmo questionários no formato on-line foram enviados ao aplicativo e e-mail do participante.

Para análise dos dados, foi utilizado o software Excel 2010, no qual foram rodadas as análises necessárias e pertinentes aos dados coletados. No qual cada professor participante foi identificado com uma letra e um número. Por ser tratar de uma pesquisa com seres humanos, o presente estudo segue a recomendação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, expresso na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Com o número de registro 85658618.6.0000.5187 expedido pelo CONEP.

De acordo com tal resolução, foram feita uma solicitação e/ou autorização para a coleta de dados, através de um termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos participantes, que assegurará o anonimato durante a divulgação dos resultados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DE RESULTADOS

Na análise das respostas atribuídas no questionário foi possível identificar o perfil dos 30 professores participantes, dos quais observou a prevalência de professores do sexo masculino 73,4% e sexo feminino 26,6%.

Tabela- I: Perfil dos Professores de Educação Física da Rede Municipal de Campina Grande-PB.

IDADE	Nº	%
18-25 ANOS	3	10%
26-30 ANOS	3	10%
31-40 ANOS	5	16,6%
41-50 ANOS	10	33,4%
51 ANOS OU MAIS	9	30%

FORMAÇÃO ACADÊMICA	Nº	%
LICENCIATURA EM ED. FÍSICA	9	30%
PÓS- GRADUAÇÃO (LATUS SENSO)	18	60%
MESTRADO (STRITUS SENSO)	2	6,6%
DOUTORADO (STRITUS SENSO)	1	3,3%

TEMPO DE ATUAÇÃO	Nº	%
-------------------------	-----------	----------

1-2 ANOS	2	6,6%
2-5 ANOS	4	13,3%
5-8 ANOS	6	20%
MAIS DE 8 ANOS	18	60%
TOTAL	30	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se na tabela-I acima que a média de idade dos professores esta entre 41- 50 anos (33.4%) e 51 anos ou mais (30%) idade ou mais de sendo responsáveis 63,4% da amostra.

Com relação à formação acadêmica foi observada uma prevalência de 60% pós-graduados em nível de especialização relacionadas ao campo de atuação docente e 30 % apenas licenciados na área de educação física se comparar as com a formação em mestrados e doutorados (stritus senso), observamos a menor porcentagem expressa por 9.9% dos professores.

Oliveira (2017) destaca a busca pela formação continuada é um recurso em prol da educação, que contribuem para os educadores apropriarem e facilitarem a formação de uma sociedade inclusiva, sendo atribuída um papel formativo de uma visão crítica do educador acerca do contexto escolar buscando procedimentos e métodos educativos eficazes na realização do processo educativo inclusivo.

De acordo com o LDB (1996) as pós-graduações stricto sensu compreendem programas de mestrado e doutorado abertos aos candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (art. 44, III, Lei nº 9.394/1996.).

Ao observar a realidade a qual, os professores participantes estão inserido, destaca-se que mesmo vivendo em uma cidade polo universitária os enfrentam dificuldades em estar inseridos dentro de programas de pós-graduações (Stritus Senso), entre os principais fatores; o número de vagas limitadas aos programas, o desinteresse na produção científica e a dificuldade de encontrar programas específicos para debater estratégias de suas áreas de atuação da educação física.

No tempo de atuação a docente na disciplina de educação física a Tabela - I demonstra que 60% atuam como docentes a mais de 8 anos, tendo 20% com atuação entre 5-8anos, 13,3% entre 2-5 anos e apenas 6.6% entre 1-2 anos. Na relação entre tempo de atuação docente com os níveis de formação observasse a grande procura por qualificação além da graduação tendo na busca pela formação continuada a visão diversificada sobre as possibilidades discentes existentes no meio educacional.

Essas possibilidades encontradas no meio educacional apontam para a necessidade de inclusão de alunos com necessidades físicas e cognitivas na educação regular incluindo a educação física. Na qual vem sendo discutida a inserção dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista- TEA.

Nas atribuições das principais dificuldades no processo de inclusão do autista nas aulas de educação física encontramos na visão dos professores as seguintes respostas: *"Estrutura física da escola"* P1; *"Falta de espaços adequados"* P2; *"Falta de espaço físico"* P5; *"Pouco material e espaço para realizar as aulas"* P6; *"Condições desfavoráveis físicas"* P14; *"Falta de espaço adequado para as aulas"* P17; *"Falta de estrutura física"* P18; *"Falta de espaço e de materiais"* P20; *"Falta de materiais didáticos"* P24; *"Espaços inadequados"* P25 e *"Estrutura física nas deficientes da escola"* P29.

O vivenciar da educação física escolar torna-se desafiador ao docente, pois a falta de material didático (bolas, cones, cordas e etc) e de estrutura física para as aulas de educação física e a precarização das condições desses espaços influenciam o processo de inclusão de alunos com ou sem necessidades especiais.

Segundo Benini e Castanha (2016) é importante reconhecer que todos os recursos que a escola pode oferecer aos estudantes com TEA, podem oportunizar a aprendizagem contribuindo, assim, para a superação das dificuldades seja na comunicação e socialização, bem como impulsionar o desenvolvimento do aluno.

As condições de materiais didáticos-pedagógicos e estrutura física (quadra, espaços alternativos) interferem de forma significativa nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativo que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem

espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho (SILVA; DAMAZIO, 2008).

De acordo com Ferreira e Gomes (2007) Apud Damazio (2008) a pouca qualidade e limitações de espaços físicos para o ensino da Educação Física podem ser compreendidos sob dois aspectos que se inicia não valorização social desta disciplina chegando ao descaso das autoridades para com a educação destinada as camadas populares.

Para os professores *“Agitação por parte dos alunos autistas e em turmas numerosas” P4; “Falta de interação do autista com os colegas” P8; “Turmas numerosas, falta de preparo do professor dificuldade em prestar atenção necessária ao aluno” P9; “Fazer com que o aluno participe na integra da aula completa” P10; “Falta de socialização” P 11; “Controlar o aluno e fazer com que ele interaja de forma satisfatória e ativa” P12; “Ele se auto excluí ai depende do profissional P16; “Turmas numerosas” P21; “Interação dos outros alunos com o autista” P23; “Turmas numerosas e dificuldade de atenção” P26; Dificuldade de interação da turma com os alunos” P27 e “Números excessivos de alunos autistas por turma” P30* são também elencados como principais dificuldades no processo de inclusão de indivíduos com TEA nas aulas educação física.

No estudo feito por Orrú (2012) sobre o processo cotidiano do autista no ambiente escolar são destacadas características mais marcantes no desenvolvimento da maioria das crianças e jovens com Transtornos do Espectro Autista na escola, são os déficits de comunicação e linguagem, ausência da linguagem verbal ou o seu desenvolvimento tardio. A dificuldade relacionada à interação social é tida como uma das principais características do individuo apresentam dificuldades em estabelecer relações sociais com outros alunos.

As formas de comunicações diferenciadas não coloca o autista como o individuo que não busque o contato social; ao buscar a sua aproximação com os colegas, são excluídos por realizarem comportamentos estereotipados. Cabendo aos professores a busca meia e formas de interação e percepção dos demais alunos sobre os diversos tipos de comportamentos e de colocações para a inclusão do autista.

Para que as ações docentes busquem a inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física torna-se necessário que os mesmos venham a conhecer as relações e significados desse transtorno. *“Falta de conhecimento sobre o autismo” P7* e *“Falta de capacitação sobre o autismo” P15* são tidas como fatores limitantes para a realização da inclusão do autista pelo professor nas aulas de educação física.

Para Ferreira (2007) expressas às relações entre o sucesso/ insucesso da aprendizagem da criança com necessidades educativas especiais é, na maioria das vezes, reflexo da intervenção pedagógica e do perfil do professor. O saber e o conhecer sobre as necessidades especiais do alunado auxilia o professor para o êxito de suas intervenções tendo assim na necessidade de formações que busquem o processo de inclusão de alunos com TEA um aspecto imprescindível para o trato pedagógico inclusivo.

Ao identificarmos as principais dificuldades encontramos aspectos relacionados a formação docente a deficiências estruturais e metodológicas que afetam inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física; mesmo com essas dificuldades as ações docentes devem acontecer buscando o processo inclusivo.

Para a efetivação desse processo tornam-se necessárias a criação de estratégias que auxiliem o docente em sua vivência prática baseando nas condições reais ao qual está inserido. Essas estratégias passam por *“Identificação do laudo, realizar atividades cooperativas para conscientiza-los de forma natural inserir o autista na realidade. Relacionando-se ao conteúdo participação nos jogos cooperativos” P9*; *“Jogos e atividades cooperativas” P4,P5; P12; P18;P20; P23;P24, P27 e P30.*

Para Bonetti e Meneghetti (2012) a necessidade do aluno apresentar um laudo médico e essencial para o apoio, pois partindo de sua análise busca-se informações e preparo para saber como trabalhar com as especificidades de cada caso. Essa busca é tida como o primeiro passo para a elaboração de estratégias docentes de inclusão do autista nas aulas de educação física.

Ao analisar conteúdos e estratégias possíveis para inclusão do TEA, os jogos cooperativos encontram entre umas das principais estratégias de inclusão. De acordo com Mendes (2015) apud Garaigordobil, (2005) os jogos

cooperativos: Incrementam as condutas pró-sociais (ajudar, cooperar, compartilhar, etc.) e as condutas assertivas na interação com iguais; diminuem, Condutas sociais negativas (agressividade-obstinação, apatia retraimento, ansiedade-timidez, antissociais, etc.).

As potencialidades atribuídas aos jogos cooperativos estão vinculadas a estimulação das interações e contatos físicos positivos contribuindo a melhoria no nível de participação em atividades de classe e a coesão grupal auxiliando no processo de inclusão. No estudo de Silva e Silva (2012) ao compreender as relações e contribuições dos jogos cooperativos para o desenvolvimento sócio-afetivo-cognitivo de crianças autistas de grau leve, evidenciou uma maior socialização e participação dos mesmos nas atividades realizadas na aula.

Além da utilização dos jogos e atividades cooperativos estratégias são destacadas a utilização de *“Brincadeiras de roda, Musicas com atividades muito movimento e materiais diversificados coloridos.”* P1, P2, P6, P7, P8 P11, P19, P20 e P21. Como estratégias para a inclusão de a alunos com TEA nas aulas de educação física.

As praticas de brincadeiras de roda e a utilização favorecem o desenvolver do processo criatividade, de conhecimentos objetivando o educar, ensinar se divertindo e interagindo com os outros contribuindo para uma melhor interação social. Dentro de sua utilização como ferramenta pedagógica de ensino a utilização de matérias diversificados em formas e cores possibilita uma maior atenção dos alunos incluindo com TEA, sendo um atrativo para a execução das atividades proposta pelo professor.

Para a facilitação do trabalho com alunos TEA Williams e Wright (2008) expressão que o “aprender a compreender emoções”, no processo de ajuda a criança com Autismo, é plausível, aos olhos da Educação Física, que esta pode, sem dúvidas, construir momentos, estruturados com ambientação e materiais adequados, a fim de amenizar a dificuldade de compreensão do aspecto emotivo, no que diz respeito à interação social.

5. CONCLUSÃO

Observamos que o processo de inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física apresenta-se de forma desafiadora para a elaboração das práticas docente. O mesmo enfrenta obstáculos que permeiam as deficiências organizacionais dos ambientes educativos, das quais se relacionam a problemas estruturais, materiais e a necessidades de formação profissional sobre o trato com o aluno autista.

Destacamos que falta de espaços adequados destinados às aulas, as dificuldades de socialização do autista; o número excessivo de aluno e o não conhecimentos docente sobre o Transtorno de Espectro Autista – TEA como principais desafios enfrentados para a efetivação do processo de inclusão desses alunos.

Em contrapartida evidenciamos o compromisso docente em buscar estratégias que facilitem o processo de interação do autista nas aulas, mostra-se essencial no ambiente escola a utilização das ferramentas pedagógicas: os jogos e atividades cooperativas; brincadeiras de roda e a utilização de materiais diversificados e colorido nas aulas destacam-se como principais estratégias para o desenvolvimento sócio-afetivo-cognitivo do autista, contribuindo para o caminhar da efetivação do inclusão autista nas aulas de educação física escolar.

Acreditamos que o desenvolvimento do processo de inclusão perpassa os métodos e currículos vigentes; tendo no ato da união, na busca por um pensamento reformado em favor das diferenças as contribuições necessárias para a mudança nos padrões estruturais educativos. Desta forma, destacamos a necessidade de empenho conjunto das escolas e poderes públicos na criação de ferramentas de formação que auxiliem o professor na efetivação do processo de inclusão de alunos com Transtorno de Espectro Autista nas aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ronald. **A atividade física tem grande influência positiva no tratamento de crianças autistas**. Maio 2015. Disponível em: <http://www.gazetasetelagoana.com.br/maisnoticias/artigo-atividade-fisica-tem-influencia-positiva-no-tratamento-de-criancas-autistas/> Acesso em: 21 maio. 2018.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades**. Caderno PDE vol.1 versão on-line ISBN: 978.85.8015. 0933 Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf acesso em 10 set de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental - Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, E. N. S. de; MACIEL, D. M. M. de A. **Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation-AAMR: sistema 2002**. Temas em Psicologia. num. 2, 2003. v. 11.

CARVALHO, R. E. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA, 1998

CAVALCANTE, M. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. Entrevista com Maria Tereza Égler Mantoan**. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 182, p. 43., abril/maio 2005.

FERREIRA, J. R; OLIVEIRA, E. da S. G. & SENNA, L. A. G. **Panorama nacional da educação inclusiva no Brasil. Relatório de consultoria**

técnica, Banco Mundial, 2003. Disponível em www.cnotinfor.pt/projectos/worldbank/inclusiva . Acesso em 30 de junho de 2008.

GAIO, ROBERTO; PORTO, ELINE in MARCO, ADEMIR De et al. **Educação Física: cultura e sociedade. Cap. Educação física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** 1. ed. São Paulo: Phorte, 2001

GAUDERER, E.C. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os ... Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência,** 1993.

GIMENEZ. R. **A inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais nas aulas regulares de educação física: repensando sobre a prática.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 11, N°98 – 2006. <http://www.efdeportes.com/efd98/inclusao.htm>.

GORGATTI, M. G.; COSTA R. F. **Atividade física adaptada.** São Paulo: Manole, 2005.

JOVER, Ana. **Inclusão: qualidade para todos.** Nova Escola, São Paulo, n. 123, p.8-17, jun./jul. 1999.

KHOURY, Laís P. et al. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a Professores [livro eletrônico].** -- São Paulo: Memnon, 2014. Disponível em: <<http://memnon.com.br/proesp2/assets/proesp2.pdf>>. Acesso em 25 maio. 2018.

LOPES, A. C. Clínica Médica. **Diagnóstico e tratamento** Editora Atheneu. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, 2014 6vol, 6254pp. ISBN – 9788538804437.

LUIZ . Simone Aparecida Mariano ; MORAES, João Carlos Pereira . **A participação do autista nas aulas de Educação Física: entre três olhares docentes.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 21, Nº 215, Abril de 2016. <http://www.efdeportes.com/efd215/a-participacao-do-autista-de-educacao-fisica.htm>.

Machado, Lavinia. T. **Dançaterapia no autismo: um estudo de caso** Fisioter Pesq. 2015;22(2):205-211. DOI: 10.590/1809-2950/11137322022015.

MANOEL, E. J. **A continuidade e a progressividade no processo de desenvolvimento motor.** *Revista Brasileira de Ciências do Movimento.* v.2, n.2, p.32-38, 1988..

MATTOS, L. A. **Políticas Públicas Formação do Professor de Educação Física: sua contribuição para a educação inclusiva.** São Paulo: USP, 2006.

MENDES, Maria aline silva. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas.** 2015 Disponível em 20http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf acesso em 10 set 2018.

OLIVEIRA, Rosane de Machado. **A Importância da Formação Continuada dos Educadores no Contexto Educacional Inclusivo e a Influência da Mediação no Ensino-Aprendizagem na Educação Especial.** *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.* Ano 2, Vol. 16. pp 522-545, Março de 2017. ISSN:2448-0959.

Oliveira, V. F.. **Representações Sociais de professores acerca dos seus alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no processo de inclusão em Escolas Municipais de Lages, SC.** Dissertação de mestrado, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Brasi(2015).

Organização Mundial da Saúde. **Gender and the use of medications: a systematic review.** Genebra, Organização Mundial da Saúde (documento de trabalho inédito WHO/GHW). 2000.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed; 2012, 188p.

RIBAS, J. B. C. **O Que São Pessoas Deficientes**. Editora Brasiliense. 1994.

ROSADAS, S. de C. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: eu posso. vocês duvidam?** Rio de Janeiro/São Paulo: Ateneu, 1989. 297 p.

Silva , Maria Fatima Paiva ; Damazio , Márcia Silva. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão. Revista pensar a prática: v. 11, n. 2 (2008)**. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4066> acesso em 10 de set de 2018.

SILVA, Aline Natália Vilhena; SILVA, Francisco Hermes Santos . **Jogos cooperativos e crianças autistas: um estudo de caso**. V seminário de educação especial.2012.Disponível em http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/trabalhos/281_3_1.pdf . Acesso em 10 de set de 2018.

SOARES, Alexandre rosa. **Inclusão ou integração? Educar para a vida**. Abc Educatio. Nº 59 setembro 2006.

SPOSATI. **Globalização da economia e processos de exclusão social ,in capacitação em serviço social e política social ,crise contemporânea questão social e serviço social** .Brasilia ,DF,UnB,centro de educação aberta ,continuada a distancia ,modulo I , 2000.

TOMÉ, M C (2007). **A educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas**. Disponível em: https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf. Acesso em: 04 jan. 2018.

WILLIAMS, C.; WRIGHT, B. **Convivendo com o Autismo e Síndrome de Asperger: Estratégias para pais e profissionais**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Data: ___/___/___

PERFIL DOCENTE

1-SEXO:

() Masculino. () Feminino.

2- IDADE:

() 18 a 25 anos

() 26 a 30 anos

() 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos

() 51 anos ou mais

2- FORMAÇÃO ACADÊMICA

() Magistério

() Licenciatura

() Pós-Graduação _____.

() Mestrado

() Doutorado

3- A QUANTO TEMPO VOCÊ LECIONA A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA?

() 1 a 2 anos

() 2 a 5 anos

() 5 a 8 anos

() mais de 8 anos

5- QUAL(IS) A(S) PRINCIPAL(IS) DIFICULDADE(S) NO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

6- QUAL(IS) A(S) PRINCIPAL(IS) ESTRATÉGIA(S) UTILIZADA(S) PARA TORNAR AS AULAS ATRATIVAS PARA OS ALUNOS AUTISTAS?

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ÊNFASE A VISÃO DOCENTE SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO**”

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos: a presente pesquisa terá como objetivo geral; Analisar a visão dos professores sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de educação física da rede municipal ensino de Campina Grande-PB

Ao voluntário só caberá à autorização para uso dos dados obtidos mediante o questionário, e não haverá nenhum risco ao voluntário. O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 987233913** com **Alvaro Luis Pessoa de Farias**.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante